

# Linguagem, literatura e prática educativa

reflexões sobre a sala de aula

Carolina Gomes da Silva  
Juliana Luna Freire  
Lavínia Teixeira Gomes  
Pilar Roca  
organizadoras

**LINGUAGEM, LITERATURA  
E PRÁTICA EDUCATIVA  
REFLEXÕES SOBRE A SALA DE AULA**



**Reitor**  
**Vice-Reitora**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Valdiney Veloso Gouveia  
Liana Filgueira Albuquerque



**Direção**  
**Gestão de Administração**  
**Gestão de Editoração**  
**Gestão de Sistemas**

**EDITORIA UFPB**

Natanael Antônio dos Santos  
Hugo Firmino  
Sâmella Arruda Araújo  
Ana Gabriella Carvalho

**Conselho Editorial**

Cristiano das Neves Almeida | Ciências Exatas e da Natureza  
José Humberto Vilar da Silva | Ciências Agrárias  
Julio Afonso Sá de Pinho Neto | Ciências Sociais e Aplicadas  
Márcio André Veras Machado | Ciências Sociais e Aplicadas  
Maria de Fátima Alcântara Barros | Ciências da Saúde  
Maria Patrícia Lopes Goldfarb | Ciências Humanas  
Elaine Cristina Cintra | Linguística e das Letras  
Regina Celi Mendes Pereira da Silva | Linguística e das Letras  
Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes | Ciências Biológicas  
Raphael Abrahão | Engenharias

**Editora filiada à:**



Carolina Gomes da Silva  
Juliana Luna Freire  
Lavínia Teixeira Gomes  
Pilar Roca  
Organizadoras

**LINGUAGEM, LITERATURA  
E PRÁTICA EDUCATIVA**  
**REFLEXÕES SOBRE A SALA DE AULA**

Editora UFPB  
João Pessoa  
2022

Direitos autorais 2022 – Editora UFPB.

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPB.**

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

**O CONTEÚDO E A REVISÃO DE TEXTO/NORMALIZAÇÃO DESTA OBRA SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).**

**Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.***

<b>Projeto Gráfico</b>	Editora UFPB
<b>Editoração Eletrônica e Design de Capa</b>	Mônica Câmara
<b>Ilustração da Capa</b>	Pilar Roca
<b>Revisão Gráfica</b>	Alice Brito

**Catálogo na fonte:  
Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

---

L755 Linguagem, literatura e prática educativa : reflexões sobre a sala de aula [recurso eletrônico]/ Organizadoras : Carolina Gomes da Silva ...[et al.]. - Dados eletrônicos -- João Pessoa: Editora UFPB, 2022..

Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>  
ISBN: 978-65-5942-154-1

1. Literatura. 2. Linguística. 3. Formação docente. 4. Práticas de ensino. I. Gomes da Silva, Carolina. II. Título.

---

UFPB/BC

CDU 82

**EDITORA UFPB**

Cidade Universitária, Campus I  
Prédio da Editora Universitária, s/n  
João Pessoa – PB  
CEP 58.051-970  
<http://www.editora.ufpb.br>  
E-mail: [editora@ufpb.br](mailto:editora@ufpb.br)  
Fone: (83) 3216.7147

# Sumário

<b>Nas trilhas da interdisciplinaridade: a prática dos vasos comunicantes .....</b>	<b>8</b>
---	----------

Carolina Gomes da Silva | Juliana Luna Freire | Lavínia Teixeira Gomes | Pilar Roca

## **LITERATURA E ENSINO.....20**

<b>Literatura no Curso de Letras: reflexões sobre a formação de leitores e de professores de espanhol como língua estrangeira.....</b>	<b>21</b>
--	-----------

Maria Luiza Teixeira Batista

<b>Literatura e história, encontros e desencontros. Uma visão para a pedagogia. (Da Antiga Grécia até hoje) .....</b>	<b>43</b>
---	-----------

Juan Ignacio Jurado-Centurión

<b>Traduzindo a “estranheza” de Shakespeare: a popularização do cânone e seu ensino no Brasil .....</b>	<b>76</b>
---	-----------

Juliana Luna Freire

<b>Corpos transviados racializados em “Subversão Suburbana”: uma leitura multimodal e feminista interseccional da HQ <i>Perigosas Sapatas</i>, de Alison Bechdel.....</b>	<b>108</b>
---	------------

Fábio Alexandre Silva Bezerra | Renata Gonçalves Gomes

## **LÍNGUA E ENSINO.....131**

<b>Psicolinguística, bilinguismo e léxico: aquisição e processamento das palavras .....</b>	<b>132</b>
---	------------

Gustavo Lopez Estivalet

<b>Quebra-cabeças ou novelo de lã? Ajude seu cérebro a escrever melhor .....</b>	<b>153</b>
--	------------

Philio Generino Terzakis

<b>Oficinas de Letras: relato de experimentos didáticos no curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba .....</b>	<b>176</b>
José Alexandrino de Souza Filho	
<b>História em quadrinhos: uma metodologia ativa no ensino-aprendizagem de aspectos gramaticais em Francês Língua Estrangeira .....</b>	<b>207</b>
Sandra Helena Gurgel Dantas de Medeiros	
<b>FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE.....</b>	<b>229</b>
<b>Diálogos e práticas sobre emoções no estágio supervisionado remoto: construindo empatia e resiliência na formação docente inicial .....</b>	<b>230</b>
Angélica Araújo de Melo Maia	
<b>Tecnologias digitais e o ensino de línguas: uma reflexão sobre conceitos e possibilidades.....</b>	<b>254</b>
Rafaela Carla Santos de Sousa   Jailine Mayara Sousa de Farias	
<b>O poder de agir constitutivo do gênero profissional: a Clínica da Atividade a serviço da formação docente Inicial .....</b>	<b>274</b>
Francieli Freudenberger Martiny   Walison Paulino de Araujo Costa	
<b>Sobre os autores e as autoras .....</b>	<b>295</b>

# Psicolinguística, bilinguismo e léxico: aquisição e processamento das palavras

*Gustavo Lopez Estivalet*

Como as palavras de duas (ou mais) línguas estão organizadas no léxico mental? Esta é a pergunta norteadora do presente capítulo, que, por sua vez, pretende discutir e apresentar evidências sobre como as palavras de diferentes línguas são armazenadas, organizadas e processadas no léxico mental de falantes bilíngues (SCHREUDER et al., 1993).

Nesse sentido, a psicolinguística é uma área interdisciplinar entre a linguística e a neuropsicologia que investiga os processos de aquisição e de processamento da linguagem. Logo, entender melhor como as palavras são armazenadas no léxico mental permite uma melhor compreensão dos processos de aquisição, aprendizagem, processamento e uso da linguagem (KROLL; STEWART, 1994). Mais do que isso, a investigação do léxico mental bilíngue passa a ser uma janela para a compreensão do funcionamento da linguagem e como ela é explorada de forma dinâmica pelos falantes (ESTIVALET; MEUNIER, 2019).



Sendo assim, o presente capítulo está organizado da seguinte forma: na continuação desta seção, **Bilinguismo**, é apresentada uma série de conceitos acerca das definições do bilinguismo; na seção seguinte, **Léxico mental**, são apresentadas evidências psicolinguísticas sobre a aquisição, a representação e o processamento das palavras no léxico mental bilíngue; por fim, na última seção, **Psicolinguística do bilinguismo**, são apresentadas evidências de como o cérebro de falantes bilíngues lida com cada uma das línguas.

## Bilinguismo

Mas, afinal, o que é bilinguismo? De uma forma geral, uma pessoa é considerada bilíngue quando ela domina o uso de mais de uma língua. Portanto o conceito da palavra “bilíngue” está diretamente associado ao nível de proficiência do uso das diferentes línguas pelos falantes, sendo considerados bilíngues os falantes com níveis avançados do domínio de duas línguas (CLAHSEN; FELSER, 2006).

Contudo, esta definição pode ser colocada em perspectiva e deve ser mais detalhada a partir de um maior aprofundamento sob a perspectiva da aquisição

e da aprendizagem da linguagem (HERNANDEZ; LI; MACWHINNEY, 2005). Para tanto, fazem-se necessários alguns conceitos de base sobre o conhecimento de mais de uma língua e a utilização de termos específicos sobre as formas de bilinguismo.

Para essas definições acerca do bilinguismo, cabe salientar a diferença entre aquisição e aprendizagem da linguagem. Enquanto a aquisição da linguagem diz respeito a um processo implícito e automático de dedução e assimilação das informações linguísticas do meio, a aprendizagem da linguagem diz respeito a um processo explícito e intencional de indução e utilização de uma língua específica (KRASHEN, 1981).

Em seguida, frequentemente explora-se o conceito de “período crítico” nas definições acima e abaixo. Tipicamente, o período crítico é definido como sendo uma fase do desenvolvimento da criança em que ela apresenta maior disponibilidade para a aquisição da linguagem (FRIEDERICI; STEINHAUER; PFEIFER, 2002). Assim, alguns pesquisadores consideram que somente a aquisição da linguagem ocorre durante o período crítico (tipicamente até os cinco anos de idade da criança) através do contato com falantes das línguas e a aprendizagem de línguas ocorre após o período crítico, normalmente, através da instrução formal.

Sendo assim, deve-se fazer a diferença entre Língua Materna (LM) e Língua Estrangeira (LE) em relação ao uso social da linguagem. A primeira é tipicamente a língua adquirida através do contato com os cuidadores da criança e também a língua nacional principal, enquanto a segunda é uma língua não nacional aprendida para a comunicação com pessoas estrangeiras (ESTIVALET, 2017). Por exemplo, no Brasil, a LM é o português brasileiro, que, por sua vez, também é a língua nacional do Brasil, adquirida pelas crianças desde os instantes iniciais de vida em contato com os cuidadores. Já a LE é uma língua não falada nacionalmente e normalmente aprendida na escola ou através de cursos de línguas (GRAINGER; DIJKSTRA, 1992), tipicamente o inglês e o espanhol no Brasil. Recentemente, o termo Língua Adicional (LA) tem sido utilizado para designar-se as LEs que fazem parte do convívio social relevante do falante.

Diferentemente, Primeira Língua (L1) e Segunda Língua (L2) dizem respeito à ordem de aquisição/aprendizagem das diferentes línguas. L1 é a primeira língua adquirida pela falante e L2 é a segunda língua adquirida/aprendida subsequentemente (ULLMAN, 2001). Podem-se diferenciar ainda outras línguas adquiridas/aprendidas pelo falante como L3, L4, e

assim por diante, contudo frequentemente considerar-se simplesmente L1/L2 atreladas respectivamente aos conceitos de LM/LE, onde L2 diz respeito a todas as outras línguas faladas além da LM/L1 (COSTA; SEBASTIÁN-GALLÉS, 2014). Deslocando-se o foco das línguas para os falantes, bilíngues simultâneos são indivíduos que adquirem duas línguas ao mesmo tempo, por exemplo, quando a mãe fala uma língua e o pai fala outra língua com a criança. Já bilíngues consecutivos adquirem/aprendem uma língua depois da outra, por exemplo, uma família de imigrantes que fala uma língua em casa com a criança e posteriormente ela aprende a língua nacional na escola (KROLL; DE BOT; HUEBNER, 1993).

De forma complementar, bilíngues precoces são considerados aqueles que adquirem suas línguas durante o período crítico e bilíngues tardios são aqueles que aprendem sua LE/L2 após o período crítico (DIJKSTRA; VAN HEUVEN, 2002). Portanto, o conceito de bilíngues precoces e tardios está diretamente relacionado à idade de aquisição/aprendizagem da linguagem, enquanto bilíngues precoces adquirem mais de uma língua durante o período crítico, bilíngues tardios aprendem a LE/L2 após o período crítico (PERANI; ABUTALEBI, 2005).

Sendo assim, fica claro que os indivíduos monolíngues e bilíngues possuem pelo menos uma LM/L1, mas apenas falantes bilíngues possuem duas LM/L1 quando adquiridas precocemente e simultaneamente, ou, uma LE/LA/L2 quando adquirida consecutivamente durante o período crítico ou tardiamente e consecutivamente após o período crítico (FRIEDERICI; STEINHAUER; PFEIFER, 2002).

Nesse sentido, cabe salientar que, diferentemente do Brasil, onde a maior parte da população é monolíngue falante do português, boa parte das populações da África, Ásia e Europa são bilíngues ou multilíngues, possuindo diferentes línguas para usos mais informais e familiares e usos mais formais e sociais. Logo, pessoas que falam mais de duas línguas são chamadas de trilíngues e assim por diante; contudo, utiliza-se o termo geral multilíngue ou multilinguismo para se referir a falantes ou estudos com mais de duas línguas (PAULESU et al., 2000).

## **Léxico mental**

O léxico mental é tipicamente definido como o repositório das palavras, ou seja, o local onde as palavras são armazenadas (SCHREUDER et al., 1993).

Conforme o Estruturalismo, o signo saussurreano é formado pela dicotomia de significante e significado, ou seja, fonologia e semântica, assim, as palavras seriam sons dotados de significado (ESTIVALET; BRENNER, 2012). Diferentemente, abordagens contemporâneas do Gerativismo defendem que as diferentes propriedades das palavras (i.e., fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) são distribuídas no sistema linguístico e as palavras são conceitos que recebem uma estrutura motora (i.e., fala ou língua de sinais) (KROLL; DE BOT; HUEBNER, 1993).

Ainda, as estruturas das palavras das diferentes línguas estão sujeitas às tipologias linguísticas. Por exemplo, são exemplos de línguas sintéticas flexivas, compostas de semantemas e morfemas que se fundem, as línguas latinas português, espanhol, francês e italiano, assim como as línguas germânicas inglês, alemão e holandês, conforme (1); são exemplos de línguas sintéticas aglutinantes, formadas pela concatenação linear de morfemas, as línguas turcas, mongólicas e japônicas, conforme (2). Diferentemente, são exemplos de línguas analíticas isolantes, representadas por palavras monomorfêmicas, as línguas sino-tibetanas chinês, vietnamita e tailandês, assim como as línguas austro-asiáticas e as línguas indígenas do Brasil da

família macro-jê, conforme (3) (SCHEPENS; DIJKSTRA; GROOTJEN, 2012).

<b>(1) Português:</b>	Vou à escola.
<b>Francês:</b>	Je vais à l'école.
<b>Inglês:</b>	I will go to the school.
<b>Alemão:</b>	Ich gehe zur Schule.
<b>(2) Turco:</b>	Okula gideceğim.
<b>Japonês:</b>	Gakkō ni ikimasu.
<b>(3) Chinês:</b>	Wǒ qù shàngxué.
<b>Khmer:</b>	Khnhom nung tow salarien.

Portanto, as características tipológicas e morfológicas das línguas apresentam uma relação direta sobre a forma como as palavras são adquiridas, aprendidas, representadas, organizadas e processadas no léxico mental dos falantes monolíngues e bilíngues. De forma interessante, bilíngues falantes de línguas que compartilham a mesma tipologia utilizam os mesmos mecanismos linguísticos para o armazenamento e o processamento das palavras, já bilíngues falantes de línguas de diferentes tipologias necessitam desenvolver estratégias específicas para a organização e uso das propriedades do léxico mental (ESTIVALET; BRENNER, 2012).

Relacionado a isso, pode-se considerar a possibilidade da existência de léxicos bilíngues unificados ou separados. O léxico bilíngue unificado propõe que todas as palavras de todas as línguas são organizadas em uma única lista de acordo às propriedades lexicais das palavras, conforme a imagem à esquerda da Figura 1; já o léxico bilíngue separado propõe que as palavras das diferentes línguas são armazenadas em léxicos separados, conforme a imagem à direita da Figura 1 (GRAINGER; DIJKSTRA, 1992). Nesse sentido, os autores apresentam resultados comportamentais em que falantes bilíngues são capazes de responder se as palavras apresentadas em diferentes línguas existem ou não mais rapidamente do que a língua da qual a palavra pertence, oferecendo evidência em favor do léxico unificado.

**Figura 1:** Exemplos de léxico bilíngue português/francês unificado e separado. **PB** para **português brasileiro**, **FR** para **francês**.

<u>Unificado PB/FR</u>	<u>Separado PB</u>
amar – PB	amar – PB
<i>aimer</i> – FR	estudar – PB
cachorro – PB	cachorro – PB
<i>chat</i> – PB	<u>Separado FR</u>
<i>étudier</i> – PB	<i>aimer</i> – PB
estudar – PB	<i>chat</i> – PB
...	<i>étudier</i> – PB

Fonte: Adaptado de Grainger e Dijkstra (1992).



Ainda nesse sentido, deve-se diferenciar entre a arquitetura de léxico ranqueado/serial e de léxico conexcionista. A Figura 1 apresenta exemplos de léxicos unificado e separado ranqueados onde as palavras são organizadas conforme suas frequências de uso; diferentemente, léxicos conexcionistas são baseados em probabilidades estatísticas de mapeamento entre unidades formais (fonologia/ortografia) e unidades de significado (semântica) mediadas interativamente por unidades de ponderação (ESTIVALET; MEUNIER, 2019).

Ainda sobre o léxico mental bilíngue, palavras cognatas são aquelas que apresentam semelhança formal e semântica entre duas línguas, conforme (4). Já falsos cognatos/amigos são palavras que apresentam semelhança formal, mas significados diferentes entre as línguas, conforme (5). Portanto, argumenta-se que tanto as palavras cognatas quanto os falsos cognatos/amigos possuem um status especial no léxico mental dos falantes bilíngues. Por um lado, palavras cognatas possuem representações mais robustas e mais fáceis de serem acessadas em ambas as línguas, por outro lado, falsos cognatos/amigos devem possuir seus significados em alguma das línguas inibidos e, portanto, possuem maior dificuldade de processamento e integração linguística (SCHEPENS; DIJKSTRA; GROOTJEN, 2012).

**(4) Cognatas:** português/inglês: banana, imagem/image, papel/paper, nação/nation

**(5) Falsos cognatos:** português/espanhol: borracha, chulo, fecha, apelido/apellido

Enfim, através da aquisição e da aprendizagem de LM/LE/L1/L2 por meio da exposição, do uso e do estudo das línguas, as palavras passam a ser armazenadas no léxico mental e organizadas de alguma forma em função de suas tipologias. Assim, estas unidades linguísticas são ativadas no léxico mental durante o processamento de estímulos linguísticos auditivos/visuais/táteis externos para a compreensão da linguagem, e estão disponíveis para o uso e implementação motora durante a produção da fala/escrita/sinais (DIJKSTRA; VAN HEUVEN, 2002).

## **Psicolinguística do bilinguismo**

Em relação às metodologias de investigação do bilinguismo em psicolinguística e neurociências da linguagem, as principais técnicas utilizadas são comportamentais e de imagem cerebral (i.e., imagem por ressonância magnética funcional (fMRI) e eletroencefalografia (EEG)). Enquanto as técnicas comportamentais permitem apenas a aquisição de

dados de tempo de reação, acurácia/erro, escala de julgamento e rastreamento ocular (*eye-tracker*), a fMRI permite a localização precisa no cérebro de regiões ativadas durante o processamento da linguagem e o EEG permite a observação acurada da escala temporal dos processos envolvidos no reconhecimento e planejamento da produção de palavras.

De uma forma geral, essas técnicas são aplicadas através da realização de experimentos psicolinguísticos de decisão lexical, *priming*, leitura auto-monitorada, julgamento de aceitabilidade/gramaticalidade e nomeação de objetos/palavras (LEITÃO, 2008). Assim, esses estudos investigam as diferentes modalidades de compreensão e produção acústica/ortográfica nos diferentes níveis da linguagem: ortografia, fonética/fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática (HERNANDEZ; LI; MACWHINNEY, 2005).

Pesquisas sobre a aquisição da linguagem demonstraram que crianças com menos de seis meses que vivem em ambiente bilíngue são mais sensíveis e atentas às características fonológicas das diferentes línguas expostas do que crianças bilíngues mais velhas ou monolíngues. Esse resultado é explicado através da dinâmica da plasticidade cerebral durante a aquisição da linguagem no período crítico (COSTA; SEBASTIÁN-GALLÉS, 2014).

Em relação ao curso temporal do processamento morfológico através da EEG, pesquisas com adultos bilíngues tardios apontaram que as palavras irregulares (e.g., saber/soube, leão/leões) são processadas diferentemente de monolíngues. Em torno de 380ms (N400) após a estimulação visual, falantes bilíngues parecem realizar o acesso lexical à palavra armazenada inteira, mas não através da decomposição morfológica conforme os monolíngues (DE DIEGO BALAGUER et al., 2005).

Em relação à investigação do processamento sintático através da fMRI, tem sido demonstrado que bilíngues simultâneos, precoces, ou com alta proficiência apresentam ativações na mesma região da área de Broca no lobo frontal do cérebro durante o processamento sintático de ambas as línguas. Diferentemente, bilíngues consecutivos, tardios ou com baixa proficiência apresentam ativações mais distribuídas e menos consistentes na área de Broca, assim como ativações adicionais em outras áreas do cérebro, sugerindo um maior esforço cognitivo para o processamento da LE/L2 (PERANI; ABUTALEBI, 2005).

Em relação ao processamento do significado das palavras, certamente, falantes bilíngues possuem um léxico mental muito mais restrito em LE/L2 do que em LM/L1. Enquanto criança, a expansão do

vocabulário, de uma forma geral, é rápida e produtiva, mais tarde, quando adolescente e adulto, existe a aprendizagem de vocabulários técnicos e específicos (PAULESU et al., 2000). Assim, bilíngues tardios e/ou de baixa proficiência, normalmente têm dificuldades no processamento semântico de sentidos complexos, vocabulários específicos e no uso de metáforas, assim como muitas vezes acabam transferindo equivocadamente o uso semântico de palavras da LM/L1 para a LE/L2 (ULLMAN, 2001).

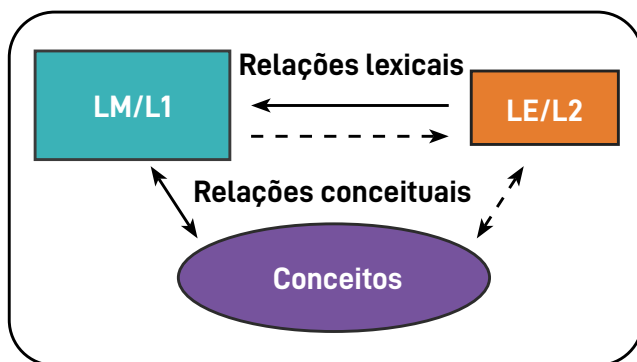
Assim, após o processamento dos níveis linguísticos discutidos acima, o processamento pragmático acontece a partir dos conhecimentos de mundo, culturais, locais e individuais do uso das LEs/L2 (KRASHEN, 1981). Compreender e produzir piadas, ironia, jogos de palavras e referências culturais e locais de forma pertinente e contextualizada, muitas vezes é uma das tarefas mais difíceis para os falantes de LEs/L2 que não possuem um grande contato e vivência com a língua (PERANI; ABUTALEBI, 2005).

Nesse sentido, Kroll e Stewart (1994) propuseram um modelo para explicar as relações entre LM/L1 e LE/L2 no léxico mental, conforme apresentado na Figura 2.

Primeiramente, fica claro que o léxico em LM/L1 é maior do que o léxico em LE/L2 e este último aumenta

conforme o falante bilíngue aprende, utiliza e melhora a proficiência em LE/L2. Em seguida, enquanto a LM/L1 realiza o acesso direto e consistente aos conceitos linguísticos, evidenciado pela flecha contínua, a LE/L2 realiza o acesso aos conceitos de forma indireta e inconsistente, evidenciado pela flecha tracejada. Ainda, a LM/L1 realiza pouco acesso indireto através da LE/L2 aos conceitos, conforme indicado pela flecha tracejada; já a LE/L2 realiza inicialmente o acesso aos conceitos passando pelo acesso da LM/L1, conforme indicado pela flecha contínua.

**Figura 2:** Modelo de léxico mental de aprendizado consecutivo tardio de LE/L2.



Fonte: Adaptado de Kroll e Stewart (1994).

Sendo assim, fica claro que bilíngues simultâneos e precoces possuem na verdade duas L1, realizando

o acesso direto e consistente aos conceitos através de ambas as línguas. Diferentemente, bilíngues consecutivos tardios aprendem a LE/L2 depois da LM/L1 e frequentemente apoiam sua aprendizagem nesta última. Logo, conforme o bilíngue vai aprendendo mais palavras e seus conceitos e vai melhorando a sua proficiência em LE/L2, **i.** o léxico em LE/L2 aumenta, **ii.** as conexões entre a LE/L2 e os conceitos ficam mais consistentes e **iii.** as conexões de tradução entre a LE/L2 e a LM/L1 ficam menos dependentes. Por último, como consequência do aumento do léxico mental e melhoria da proficiência, as conexões de tradução entre a LM/L1 e a LE/L2 ficam mais consistentes e o falante passa a explorar de forma dinâmica as relações lexicais e as relações conceituais em ambas as línguas.

Ainda nesse sentido, Clahsen e Felser (2006) propuseram a hipótese do processamento superficial em que bilíngues precoces podem ter a mesma competência e desempenho em diferentes línguas; em contraste, bilíngues tardios não atingem um processamento linguístico profundo e dificilmente alcançam um nível de proficiência comparado à LM/L1. Essa hipótese é baseada em quatro suposições discutidas no presente capítulo: **i.** falta de conhecimento gramatical,

ii. transferência de conhecimento, iii. limitações de recursos cognitivos e iv. maturação neuronal.

Enfim, é interessante salientar que, de uma forma geral, a aquisição/aprendizagem de uma LE/L2 envolve três aspectos fundamentais para o processamento linguístico: i. reciclagem de regras da LM/L1, ii. aquisição/aprendizagem de novas regras da LE/L2 e iii. inibição de regras produtivas da LM/L1 (ESTIVALET, 2017). Por exemplo, o primeiro aspecto diz respeito à reutilização de uma estrutura ou regra já presente na LM/L1 que pode ser reciclada e diretamente aplicada na LE/L2, como a ordem sujeito-verbo-objeto no português e no inglês (e.g., Eu almocei sopa, *I lunched soup*) ou o uso da palavra “banana”.

O segundo aspecto diz respeito a regras específicas da LE/L2 que precisam ser adquiridas/aprendidas, como por exemplo, a estrutura de negação (e.g., Eu não almocei sopa, *I did not lunch soup*) ou a pronúncia da palavra “banana” (e.g., /ba.'nã.na/, /bə.'na.nə/). Tipicamente, regras de pronúncia, regras gramaticais e irregularidades específicas da LE/L2 devem ser adquiridas/aprendidas para o seu uso correto. O terceiro aspecto diz respeito à inibição de regras produtivas da LM/L1 no uso da LE/L2, como por



exemplo, a dupla negação (e.g., Eu não comi nenhuma banana, *I did not eat \*no/any banana*).

Para finalizar, fica clara a relação entre a psicolinguística e o bilinguismo no estudo do léxico mental. Retornando à pergunta inicial: como as palavras são representadas no léxico mental bilíngue? As evidências sugerem que os principais fatores que determinam como e onde as palavras são armazenadas e processadas no léxico mental dependem dos seguintes fatores: **a.** idade de aquisição/aprendizagem da LE/L2, **b.** nível de proficiência (i.e., uso e estudo), **c.** frequência de uso da língua, **d.** tipologia linguística e **e.** similaridade da LE/L2 com outras línguas faladas pelo indivíduo.

## Referências

CLAHSEN, H.; FELSER, C. How native-like is non-native language processing? *Trends in Cognitive Sciences*, v. 10, n. 12, p. 564-570, 2006.

COSTA, A.; SEBASTIÁN-GALLÉS, N. How does the bilingual experience sculpt the brain? *Nature Reviews Neuroscience*, v. 15, n. 5, p. 336-345, 2014.

DE DIEGO BALAGUER, R. et al. Morphological processing in early bilinguals: An ERP study of

regular and irregular verb processing. *Cognitive Brain Research*, v. 25, n. 1, p. 312-327, 2005.

DIJKSTRA, T.; VAN HEUVEN, W. J. B. The architecture of the bilingual word recognition system: From identification to decision. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 5, n. 03, p. 175-197, 2002.

ESTIVALET, G. L. Verbos auxiliares e locuções verbais: descrição e análise comparada do português, francês e inglês. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 3, p. 240, 2017.

ESTIVALET, G. L.; BRENNER, T. D. M. O acento francês: uma proposta de análise métrica. *Working Papers em Lingüística*, v. 13, n. 3, p. 62-78, 2012.

ESTIVALET, G. L.; MEUNIER, F. Bilingual Processing on French Verbs: Lexicon Organization and Morphological Structures. *IOSR Journal of Humanities and Social Science*, v. 24, n. 6, p. 46-57, 2019.

FRIEDERICI, A. D.; STEINHAEUER, K.; PFEIFER, E. Brain signatures of artificial language processing: Evidence challenging the critical period hypothesis. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 99, n. 1, p. 529-534, 2002.

GRAINGER, J.; DIJKSTRA, T. On the Representation and Use of Language Information in Bilinguals. In: RICHARD JACKSON, H. (Ed.). *Advances in Psychology*. North-Holland, v. 83, p. 207-220, 1992.

HERNANDEZ, A.; LI, P.; MACWHINNEY, B. The emergence of competing modules in bilingualism. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 9, n. 5, p. 220-225, 2005.

KRASHEN, S. D. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. San Diego, CA: Pergamon Press Inc., 1981.

KROLL, J. F.; DE BOT, K.; HUEBNER, T. Accessing conceptual representations for words in a second language. In: SCHREUDER, R.; WELTENS, B. (Eds.). *The Bilingual Lexicon*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. 6, p. 53-81, 1993.

KROLL, J. F.; STEWART, E. Category Interference in Translation and Picture Naming: Evidence for Asymmetric Connections Between Bilingual Memory Representations. *Journal of Memory and Language*, v. 33, n. 2, p. 149-174, 1994.

LEITÃO, M. M. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, M. E. (Ed.). *Manual de linguística*. São Paulo, Brasil: Contexto, p. 216-234, 2008.

PAULESU, E. et al. A cultural effect on brain function. *Nat Neurosci*, v. 3, n. 1, p. 91-96, 2000.

PERANI, D.; ABUTALEBI, J. The neural basis of first and second language processing. *Current Opinion in Neurobiology*, v. 15, n. 2, p. 202-206, 2005.

- SCHEPENS, J.; DIJKSTRA, T.; GROOTJEN, F.  
Distributions of cognates in Europe as based on  
Levenshtein distance. *Bilingualism: Language and  
Cognition*, v. 15, n. 1, p. 157-166, 2012.
- SCHREUDER, R. et al. The bilingual lexicon: an  
overview. In: SCHREUDER, R.; WELTENS, B. (Eds.).  
*The Bilingual Lexicon*. Amsterdam: John Benjamins  
Publishing Company, v. 6, p. 1-10, 1993.
- ULLMAN, M. T. The neural basis of lexicon and  
grammar in first and second language: the  
declarative/procedural model. *Bilingualism:  
Language and Cognition*, v. 4, n. 02, p. 105-122, 2001.